

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

CLAUDE CHALINE — *LE ROYAUME — UNI
ET LA RÉPUBLIQUE D'IRLANDE*. Presses
Universitaires de France, Paris, 1966, 274 págs.

“As Ilhas Britânicas cobrem uma superfície de 312 000 km², sendo 230 000 km² para a Grã-Bretanha de 82 000 km² para a Irlanda. As paisagens, expressões diretas dos componentes do meio geográfico, sucedem-se, variadas, mas se encaixando gradualmente, sem jamais se descartar de uma certa tonalidade de conjunto que emana de uma cobertura vegetal raramente interrompida”. Com estas palavras de apresentação, Claude Chaline traça a característica geral de um território intensamente humanizado (com exclusão das regiões montanhosas), ajuntando que a “paisagem (rural) é domesticada, arranjada, humanizada ao ponto de parecer um vasto jardim de ornamentação para o prazer dos olhos”.

O panorama geográfico geral das Ilhas Britânicas é apresentado em 86 páginas. As condições naturais, bastante moderadas, são esboçadas em apenas sete páginas. A secular ocupação agrícola, bastante conhecida, apresenta uma utilização baseada em técnicas científicas e uma nova tendência, estando orientada mais para a criação. Duas conseqüências são notadas: a) a diminuição dos efetivos empregados na agricultura foi tão forte que representa somente 3,5% de toda a população ativa; b) a eficaciedade agrícola marca-se pelo valor elevado dos rendimentos e a fraca população ativa agrícola tem por corolário uma excepcional mecanização. O número dos tratores passou de 55 000 em 1939 a mais de 500 000 na atualidade, o que está próximo da taxa de saturação, com um trator para 14,4 ha de superfície trabalhada.

Desigualmente repartida pelo território, “a população britânica caracteriza-se por um excepcional grau de concentração em vastas aglomerações urbanas. Na Grã-Bretanha, em 1964, em uma população total superior a 52 000 000 de habitantes, as estatísticas indicam uma porcentagem de 80% de cidadãos. Uma análise mais pro-

funda eleva esta cifra e A. Smailes calcula que os verdadeiros rurais, localizados fora da influência imediata de uma cidade, não ultrapassam a 5%. As cidades de mais de 50 000 habitantes agrupam 60% da população, e as sete "conurbações" administrativas englobam, sòzinhas, 37%.

Industrialmente, a Grã Bretanha é a segunda grande potência européia, ultrapassada sòmente pela Alemanha. A sua industrialização é das mais antigas e vem continuamente adaptando-se às novas exigências. Orientada para a automatização, apresenta um bom exemplo de como a industrialização não é mais o sorvedouro da mão de obra: "a população ativa industrial eleva-se a 38%, e a indústria de construção acrescenta mais 6,9%, mas essas porcentagens tendem a diminuir em favor das atividades terciárias (49%), o que é normal em um período onde o trabalho manual não cessa de reduzir. Por exemplo, o grupo siderúrgico de Newport, inaugurado em 1962, emprega 6 000 assalariados para produzir 1 500 000 t de produtos laminados. Em Milford Haven, a implantação de uma grande capacidade de refinação sòmente criou algumas centenas de emprêgos, com grande decepção dos meios locais que aí esperavam reduzir o sub-emprêgo crônico."

Os problemas oriundos das transformações econômicas e urbanas de há muito têm levado os britânicos a planificarem o desenvolvimento e a repartição regional do território. A regionalização está na ordem do dia na Grã-Bretanha. Não se deve estranhar, portanto, a preocupação constante que Chaline dedicou ao "aspecto regional dos problemas geográficos britânicos". Se os planejamentos setoriais já são entrevistados nos capítulos gerais, os problemas regionais, após ser conjuntamente sumariados em um capítulo autônomo, são bem analisados na elaboração de um reagrupamento regional nas Ilhas Britânicas. Discernindo as regiões de Londres e o Sudeste inglês, o Norte industrial, as Midlands, o Oeste Britânico e a Escócia, mostra que essa sua simplificação foi "delimitada em função do elemento mais característico da combinação regional".

O isolamento geográfico da Grã Bretanha é mais formal que real. A história demonstra como ela soube utilizar de sua posição e tornar-se o centro de um vasto império. Atualmente, as suas li-

gações mercantis são intensas e o Reino Unido continua a manter um papel saliente na economia mundial.

Esta obra de Claude Chaline serve, também, de exemplo de como o desenvolvimento de um estudo regional deve adaptar-se às características e peculiaridades da região tratada. O plano deve ser flexível e absolutamente não importa que haja um "equilíbrio" entre os elementos naturais, humanos e econômicos. Os elementos mais importantes na caracterização regional devem ter uma abordagem mais longa e cuidadosa.

ANTONIO CHRISTOFOLETTI

* * *

OS MANTOS DE DECOMPOSIÇÃO DAS ROCHAS NOS ANDES VENEZUELANOS

Estudando a região de Mérida, situada no flanco ocidental da Serra Nevada, Monique Mainguet Michel (1) pôde analisar o comportamento da decomposição em um conjunto litológico semelhante sob estágios morfoclimáticos altitudinais diferentes, pois as cotas variam de 500 a 4 700 m. As variações climáticas levaram à distinção de 5 faixas:

- a) a zona andina inferior, semi-árida, a menos de 1.000 metros;
- b) a floresta tropófila pluvial, entre 1 000 e 2 000 metros;
- c) a Selva Nublada, de 2 200 a 3 200 m, na qual as precipitações podem ultrapassar dois metros por ano;
- d) o Matorral andino, estágio mesomicrotérico, situado entre 3 200 e 3 800 m;

(1) Monique Mainguet-Michel — Quelques aperçus sur les manteaux de décomposition des roches dans les andes vénézuéliennes de Mérida. Mémoires et Documents du C. N. R. S., nouvelle série, vol. I, 1966, 102 págs.

e) o Paramo andino, periglaciário, no qual a média de temperatura anual é de 1°C.

No estágio do periglaciário, as rochas são atacadas pelos processos mecânicos, desencadeados pela ação da água e sobretudo pelas passagens alternativas do estado líquido ao sólido. O *Matorral* comporta-se como um estágio de transição entre o *Paramo* e a *Selva Nublada*. Nesta área, o "gêlo permanece ainda como o principal agente de fissuração mas as variações térmicas diurnas introduzem, ulteriormente, possibilidades de dissociação e de trabalho químico". A *Selva Nublada* apresenta uma intensificação da alteração química, pois é favorecida por condições físicas ótimas de temperatura e de umidade, às quais se aliam condições bioquímicas, propiciando a infiltração, decomposição das rochas e formação de um perfil de alteração bem diferenciado. Abaixo das cotas de 2 000 m, individualiza-se um outro estágio andino devido ao desaparecimento das geadas noturnas e a diminuição das precipitações. Não é mais um estágio montanhoso e a decomposição das rochas é semelhante à do estágio florestal quando as precipitações são abundantes; em revanche, quando as chuvas são poucas, a decomposição é semelhante à das regiões baixas semi-áridas.

A presente obra é um estudo bastante minucioso, analisando detalhadamente as amostras retiradas em vários estágios. Utilizando-se de técnicas aplicadas em várias disciplinas, pois a decomposição processa-se em um meio físico-geográfico bastante complexo, e tomando as devidas precauções para evitar as complicações dos materiais transportados de cotas superiores, faz um bom estudo comparativo da decomposição. Por outro lado, as conseqüências morfológicas são bem colocadas, principalmente em relação à evolução das vertentes e aos processos de escoamento.

ANTONIO CHRISTOFOLETTI